



Camões

Uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina
de Português do Ensino Secundário

Camões | uma recolha bibliográfica

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

Ficha técnica

Seleção local: Esmeralda Rodrigues e Paulo Melo

Seleção web: Isabel Bernardo

Desenho gráfico: Isabel Bernardo

Paginação: Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

Edição: Biblioteca Escolar Clara Póvoa

Imagem de capa: retrato de Camões por Fernando Gomes. Circa 1577 [imagem em domínio público]

Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede
2018

Camões Uma Recolha bibliográfica by Biblioteca Escolar Clara Póvoa is licensed under a Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional License.

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Português, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Português do Ensino Secundário* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial ou requisição domiciliária;
- fontes eletrónicas *online*.

Por sua vez, as fontes selecionadas organizam-se de acordo com a seguinte estrutura:

- dos autores (fontes primárias)
- sobre os autores (fontes secundárias)
- contextos (sobre a época histórica — informação e ficção).

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas podem ser atualizadas.

Boas pesquisas!



Clique na imagem para aceder ao recurso

Obras digitalizadas pela **Biblioteca Nacional de Portugal** e disponibilizadas em versão digital e em domínio público.

Algumas obras disponibilizadas:

Os Lusíadas

Vasco da Gama apresenta a D. Manuel as primícias das Índias

Rimas do grande Luis de Camoens, principe dos poetas de Hespanha

Rhythmas

Os textos



Clique na imagem para aceder ao recurso

Erros meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
A grande dor das cousas, que passaram,
Que as magoadas iras me ensinaram
A não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
Dei causa a que a Fortuna castigasse
As minhas mais fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganosa.
Oh! quem tanto pudesse, que fartasse
Este meu duro Génio de vinganças!

Luís Vaz de Camões

Rádio Televisão Portuguesa. (2002). *Erros meus, má fortuna* [Vídeo em linha]. Lisboa:
RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/joao-reis-le-luis-vaz-de-camoes/>



Título e data: *Cantares do andarilho*, 1987

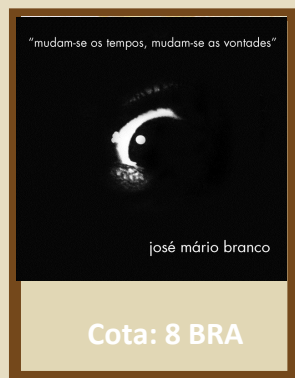
Autor / Intérprete(s): José Afonso

Editora: Movieplay

Duração: 38'

Faixa(s): Endechas a bárbara escrava, 2'3"

Letra (excerto): Aquela cativa / Que me tem cativo, / Porque nela vivo / Já não quer que viva. / Eu nunca vi rosa / Em suaves molhos, / Que pera meus olhos / Fosse mais fermosa. Nem no campo flores, / Nem no céu estrelas. / Me parecem belas / Como os meus amores.



Título e data: *Mudam-se os tempos mudam-se as vontades*, 1991

Autor / Intérprete(s): José Mário Branco

Editora: Upav

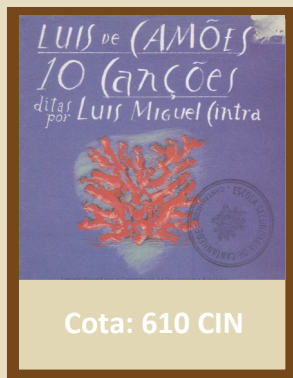
Duração: 35'

Faixa(s): Mudam-se os tempos mudam-se as vontades, 2'55"

Letra (excerto): Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o ser, muda-se a confiança; / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades.

E se tudo o mundo é composto de mudança, / Troquemo-lhes as voltas que ainda o dia é uma criança.

Os textos



Título e data: Poesia encantada, 2004

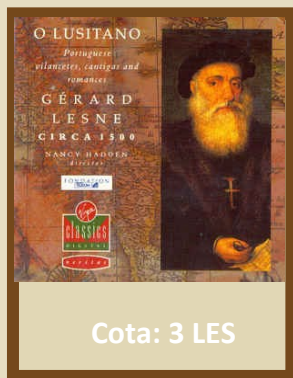
Autor / Intérprete(s): José Afonso

Editora: EMI - Valentim de Carvalho

Duração: 70'

Faixa(s): Verdes são os campos, 2'14"

Letra (excerto): Verdes são os campos, / Da cor de limão: / Assim são os olhos / Do meu coração. / Campo, que te estendes / Com verdura bela, / Ovelhas, que nela / Vosso pasto tendes, / De ervas vos mantendes / Que traz o Verão, / E eu das lembranças / Do meu coração.



Título e data: O Lusitano, 1992

Autor / Intérprete(s): Gérard Lesne

Editora: Virgin Classic Limited

Duração: 64'

Faixa(s): Pasame por dios, barquero, 3'30"

Letra (excerto): Pasame por dios, barquero, / d'aquessa parte del rio, / duelete del dolor mio.

Que si pones dilacion / en venir a socorrerme, / no podras despues valerme, / segun mi grave pasion. / No quieras mi perdicion, / pues en tu bondad confio./ Duelete del dolor mio.

Os textos



Título e data: Os Lusíadas - Luís de Camões, 2001

Autor / Intérprete(s): Mawaca

Editora: World Music

Duração: 52'

Faixa(s): Largo Oceano, 2'23"

Letra (excerto): Já no Largo Oceano navegavam, / As inquietas ondas apartando; / Os ventos brandamente respiravam / Das naus as velas / côncavas inchando; / Da branca espuma os mares / se mostravam...



Título e data: Vem cantar connosco e com Vasco da Gama

Autor / Intérprete(s): Carlos Alberto Moniz

Editora: Forum M

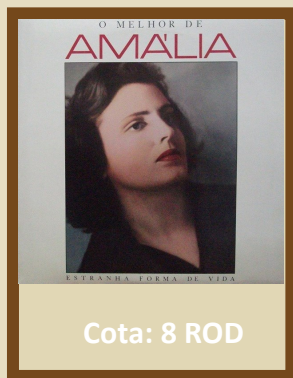
Duração: 16'

Faixa(s): Partida, 2'02'

Letra (excerto): Já corria o mês de junho desse ano tão distante / quando a armada do Gama se fez ao mar confiante / e o Restelo nesse dia, em gala dançou para a festa / para ver partir as naus da nova canção de gesta.

Lá vai o Gama no mar / Com o povo / e o mundo novo/ consigo a navegar

Os textos



Os textos

Título e data: Poesia encantada, 2004

Autor / Intérprete(s): José Afonso

Editora: EMI - Valentim de Carvalho

Duração: 70'

Faixa(s): Verdes são os campos, 2'14"

Letra (excerto): Verdes são os campos, / Da cor de limão: / Assim são os olhos / Do meu coração. / Campo, que te estendes / Com verdura bela, / Ovelhas, que nela / Vosso pasto tendes, / De ervas vos mantendes / Que traz o Verão, / E eu das lembranças / Do meu coração.

Título e data: O melhor de Amália, 1995

Autor / Intérprete(s): Amália Rodrigues

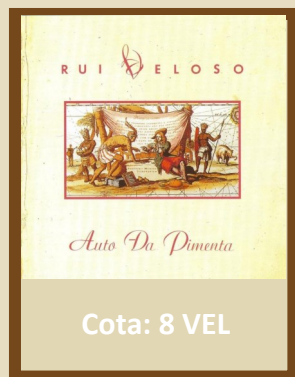
Editora: EMI Valentim de Carvalho

Duração: 46'

Faixa(s): Com que voz, 3'10"

Letra (excerto): Com que voz chorarei meu triste fado, / que em tão dura paixão me sepultou. / Que mor não seja a dor que me deixou / o tempo, de meu bem desenganado.

Mas chorar não estima neste estado / aonde suspirar nunca aproveitou. / Triste quero viver, pois se mudou / em tristeza a alegria do passado.



Título e data: Auto da pimenta, 1991

Autor / Intérprete(s): Rui Veloso

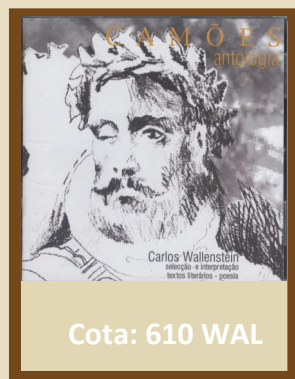
Editora: EMI-Valentim de Carvalho

Duração: 40'

Faixa(s): Brisas do Restelo, 4'33"

Letra (excerto): Brisas do Restelo / agitem-me o cabelo, / ouçam o apelo / deste dandy sem cura / levem-me à aventura / dai-me o vosso gel / quero voltar a sair / e dançar de novo em Babel.

Jovens do Restelo / ouçam este apelo, / levantem o cabelo / que há-de haver sempre um mar à vossa espera / nas praias de Portugal.



Título e data: *Camões - Antologia*, 1995

Autor / Intérprete(s): Carlos Wallenstein

Editora: Strauss Studio

Duração: 40'

Faixa(s): A partida das naus / Canto IV, 5'16"

Letra (excerto): E já no porto da ínclita Ulisseia, / C'um alvoroço nobre e c'um desejo / (Onde o licor mistura e branca areia / co'o salgado Neptuno o doce Tejo) / as naus prestes estão; / e não refreia / temor nenhum o juvenil despejo...

Os textos



Clique na imagem para aceder ao recurso

Na biografia incessantemente revolvida e pesquisada de Luís de Camões as certezas são muito poucas. A passagem pela Universidade de Coimbra infere-se de uma cultura literária profunda que perpassa a obra escrita e também do parentesco com D. Bento de Camões, que terá sido chanceler na academia. Registos, esses, não os há. Como não existem os que provem o sítio onde nasceu, as casas onde viveu ou os sítios por onde passou e terá vivido aventuras, mas onde nem sempre, quase nunca, terá sido bem-aventurado. (...) Luís de Camões é a figura central deste documentário onde a obra se confunde obrigatoriamente com a vida perdida na falta de registos formais. Aqui se tenta reconstruir o percurso sinuoso de um homem (...).

Rádio Televisão Portuguesa. (2002). *Quem és tu Luís Vaz* [Vídeo em linha]. Lisboa: RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/quem-es-tu-luis-vaz/>

Sobre os textos



Clique na imagem para aceder ao recurso

A vida de Luís de Camões continua a ser, em muitos aspetos, um mistério, mas a sua obra é, entre a poesia portuguesa, das mais divulgadas no mundo, com traduções em várias línguas. Podemos encontrar versões d' *Os Lusíadas* em espanhol, russo, francês, alemão, italiano, húngaro, holandês, japonês dinamarquês, sueco e até em concani ou esperanto. Muitas destas obras contêm também introduções biográficas sobre este poeta e aventureiro português, sendo que há estudiosos estrangeiros que consideram que a epopeia d' *Os Lusíadas* não é apenas um poema sobre a expansão portuguesa, mas também um poema para Europa.

Rádio Televisão Portuguesa. (2007). *Camões pelo mundo* [Vídeo em linha]. Lisboa: RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/camoes-pelo-mundo/>

Sobre os textos



Clique na imagem para aceder ao recurso

Sobre os textos

As cartas podem não acrescentar glória ao poeta, no entanto, se atendermos às incertezas da sua biografia, estas quatro epístolas são peças importantes, porque delas ressaltam momentos da vida de Luís Vaz de Camões.

Usando a fluência e a graça que lhe são conhecidas, Camões escreve com à vontade sobre os costumes da Lisboa quinhentista, a intriga amorosa, anedotas da altura, fazendo também alusões à sua faceta boémia, deixando por vezes transparecer alguma melancolia.

Uma carta foi escrita em Ceuta, outra enviada da Corte a um amigo, na terceira “dá novas de Lisboa” e a quarta vem da Índia para Portugal, destino que tinha escolhido depois de uma rixa: “Enfim, Senhor, não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços (...)”

Rádio Televisão Portuguesa. (2014). *As cartas de Luís Vaz de Camões* [Vídeo em linha]. Lisboa: RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/as-cartas-de-luis-vaz-de-camoes/>



Clique na imagem para aceder ao recurso

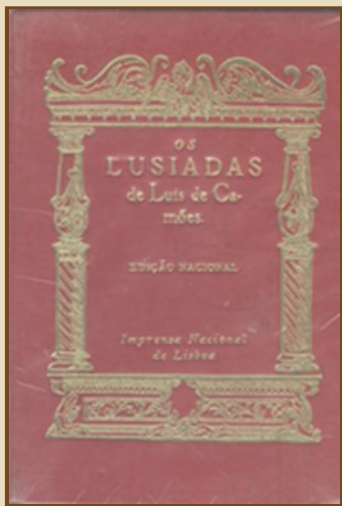
Os Lusíadas, o poema épico de Portugal, escrito pelo poeta oficial da pátria Luís de Camões, canta a viagem de Vasco da Gama à Índia e a aventura dos portugueses desde a fundação da nação.

Publicado em 1572, cerca de 70 anos depois da viagem de Vasco da Gama para a Índia, descreve a aventura das Descobertas e entrelaça, nas suas estrofes, os mitos, as figuras e os momentos históricos de Portugal. Inês de Castro, D. Afonso Henriques, D. Nuno Álvares Pereira e muitos outros compõem o quadro de exaltação dos portugueses.

Peça central da identidade nacional, é a obra-prima de um poeta igualmente simbólico. Numa era em que o mundo é dividido entre Portugal e Espanha e que o latim é a língua oficial erudita, “*Os Lusíadas*” ergue, também o Português, ao nível dos seus feitos marítimos.

Rádio Televisão Portuguesa. (2009). *Os Lusíadas*, de Luís de Camões [Vídeo em linha]. Lisboa: RTP. Disponível em <http://ensina.rtp.pt/artigo/a-ilha-dos-amores/>

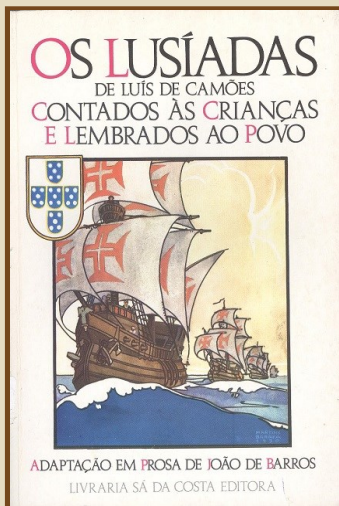
Sobre os textos



Cota: 821.134.3-13 CAM

Canto primeiro

As armas e os barões assinalados / Que, da ocidental praia Lusitana, / por mares nunca de antes navegados / Passaram ainda além da Taprobana, / Em perigos e guerras esforçados, / Mais do que prometia a força humana, Entre gente remota edificaram / Novo reino, que tanto sublimaram; / E também as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o Império, e as terras viciosas / De África e de Ásia andaram devastando, / E aqueles que por obras valerosas / Se vão da lei da Morte libertando: / Cantando espalharei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar o engenho e arte. / Cessem do sábio Grego e do Troiano / As navegações grandes que fizeram; Cale-se de Alexandre e de Trajano / A fama das vitórias que tiveram; / Que eu canto o peito ilustre Lusitano, / A quem Neptuno e Marte obedeceram. / Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se levanta. (p. 20)



Cota: 821.134.3-13 CAM

Os Textos

«O povo, esse, sempre pronto a lutar pela Pátria, já preparava e limpava as armas para a batalha.

«D. João reúne os seus soldados em Abrantes e de lá sai, com Nun' Álvares e Antão Vaz de Almada. Em Aljubarrota encontram o exército comandado pelo rei de Castela.

«Soa a trombeta Castelhana, dando o sinal de batalha. Som horrendo que parece correr de norte a sul de Portugal, de vale em vale, de serra em serra.

«As mães, aflitas, apertam os filhinhos ao peito, e rostos há que mudam de cor.

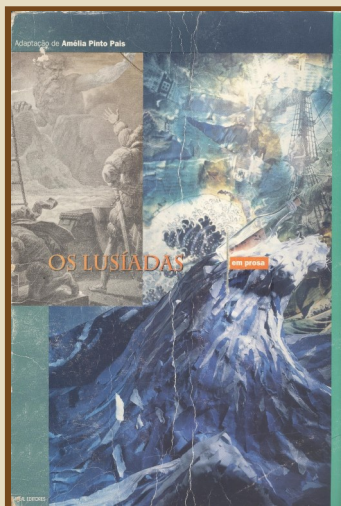
«Trava-se a luta entre Espanhóis e Portugueses, com fúria imensa de parte a parte.

«Tiros e setas voam pelo ar.

«Treme a terra debaixo das patas dos cavalos.

«Numerosíssimos, os inimigos crescem sobre as gentes de Nun' Álvares e entre eles está – coisa feia – o próprio irmão do futuro Condestável!» (pp. 70-71)

Barros, João de. (Adaptação) (1983). *Os Lusíadas: contada às crianças e lembrados ao povo* (61.^a Ed.). Lisboa: Sá da Costa.



Cota: 821.134.3-13 CAM

Os Textos

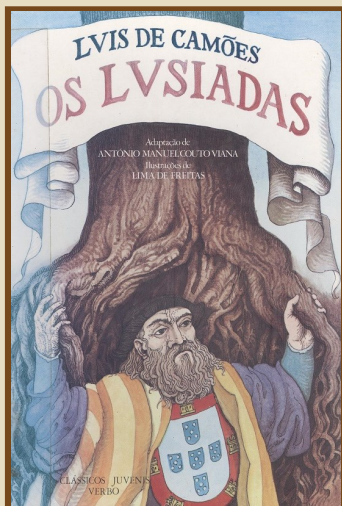
lam os navegadores de Vasco da Gama tranquilamente navegando ali na zona do Canal de Moçambique, quando os deuses decidiram juntar-se, no monte Olimpo, a pedido de Júpiter, seu chefe, que mandava o seu veloz mensageiro Mercúrio convocá-los. É que Júpiter tinha algo muito importante a decidir: se devia ou não ajudar os portugueses a chegar à Índia, seu objectivo. Era de opinião de que devia ajudá-los, mas gostava de consultar os restantes deuses sobre o assunto, juntando-os em reunião geral, ou consílio.

Os deuses acorreram ao chamamento de Júpiter, deslocando-se pela Via Láctea, até ao Olimpo, onde se sentavam de acordo com as regras protocolares, que mandavam ficar nas filas da frente os mais antigos e poderosos e atrás os mais novos.

Iniciando o consílio, falou, em primeiro lugar, Júpiter, que estava num trono de diamante. Foi breve no seu discurso dizendo:

- Como provavelmente já sabereis... (p. 20)

Pais, Amélia Pinto. (Adaptação) (1995). *Os Lusíadas em prosa*. Porto: Areal.



Cota: 821.134.3-13 CAM

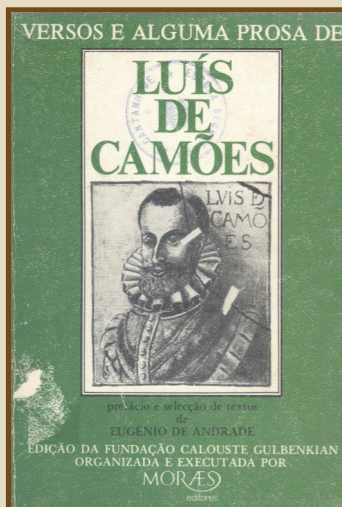
Os Textos

Anoitecia, quando os Moiros impostores se aproximavam das naus portuguesas, há pouco ancoradas. Um deles, industriado pelo rei, dirige-se a Vasco da Gama e assim lhe fala:

- Ó Capitão valoroso, o rei desta ilha, alvoroçado com a tua vinda, tão alegre ficou que é seu maior desejo dar-te agasalho e prestar-te todo o auxílio de que necessitas. E porque está ansioso por te ver, roga-te que entres a barra com a armada. E porque tantos trabalhos padeceste, tu e a tua gente, mal desembarcardes encontrareis todos vós, na terra formosa e fértil, alívios para cansaços e alento para nova viagem. E se vens em busca das ricas mercadorias orientais: a canela, o cravo, a pimenta, bem como os rubis e os diamantes, ali de tudo acharás em abundância.

Vasco da Gama agradece o convite real, ignorando a armadilha preparada, e promete rumar a terra com a frota, logo no dia seguinte, já que as sombras da noite lhe proíbem a manobra. Depois, pergunta ao Moiro se na ilha habitam alguns cristãos, como lho afiançara o piloto. (p. 25)

Viana, António Manuel Couto. (Adaptação) (1980). *Os Lusíadas*. Lisboa: Verbo.



Cota: 821.134.3-13 CAM

Não sabemos também quem o poeta tenha amado, para lá das anónimas «ninfas de água doce» do Mal-Cozinhado e de outros bordéis de Lisboa. Mas que tais «ninfas» tiveram na sua vida importância ninguém pode duvidar. As cartas de Camões, e como fonte da sua vida privada nada temos mais seguro, além de nos darem notícias do seu espírito arruaceiro, quase não falam noutra coisa. Que a sua poesia só muito raramente tem a ver com os «pagodes» de Alfama é óbvio, mas dali deve ter partido algumas vezes para, depois de metamorfoses várias, voar muito alto, como sempre aconteceu, particularmente em herdeiros da *cortezia* e do *dolce stil nuovo*. (...) Nenhuma poesia portuguesa partiu tanto dos sentidos para tanto se desprender deles, como a de Camões. (...) António Sérgio (...) trouxe o lirismo camoniano para a esfera do neoplatonismo, e sublinhou, além de preocupações religiosas e morais, a raiz metafísica da sua poesia amorosa.. (pp. 8-9)

Andrade, Eugénio de. (pref. e selec. de textos) (1977). *Versos e alguma prosa de Luís de Camões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Os Textos



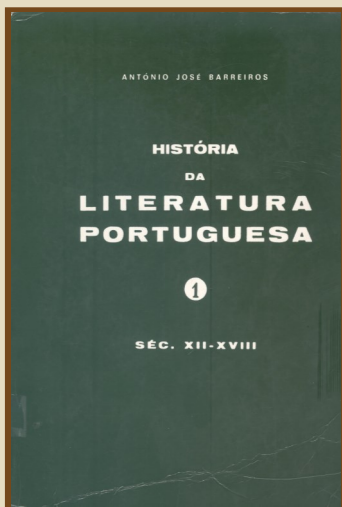
Cota: 821.134.3-14 CAM

A OBRA. - Tem-se afirmado que Camões é o artista mais completo que o Renascimento produziu. Efectivamente, nenhum é mais representativo dessa grande época, que muitos julgam ainda o oposto da Idade Média. Camões precisamente demonstrou, pela sua obra, que as duas épocas não são inconciliáveis, antes se completam uma à outra. Há nela, tanto na épica como na lírica, e até na dramática, a fusão dos três elementos fundamentais: a herança do passado grego-latino, a tradição nacional da Idade Média, e o sentido da actualidade e do exótico. Vejamos estes três elementos, em cuja síntese superior se manifesta o verdadeiro homem da Renascença.

Camões, como nenhum dos nossos escritores, embebeu-se de cultura grego-latina. Teve também a felicidade de viver e ser criado num tempo excepcional, em que as disciplinas humanísticas, trazidas até cá por grandes professores, floresciam entre nós intensamente. Assimilou-as perfeitamente; e guardou dessa lição dos antigos o amor... (p. IX)

Camões, Luís Vaz de. (1970). *Líricas* (5.ª ed.). Lisboa: Seara Nova.

Os Textos



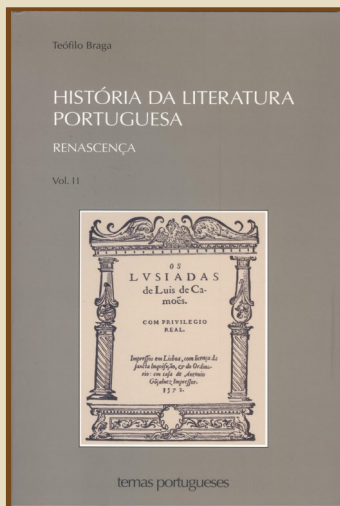
Cota: 80(09) BAR

Quando Camões nasceu, já as doutrinas humanísticas principiavam a germinar com toda a força em Portugal; nos anos da sua mocidade, atingiram fulgurante esplendor. Em Coimbra ensinava-se Gramática, Latim, Grego, Hebraico, Lógica e Matemática, além da Teologia, Medicina e Direito Canónico e Civil. Mestres consumados, tanto nacionais como estrangeiros, não perdiam o mínimo ensejo de fomentar na juventude o gosto pelos estudos humanísticos. Foi neste ambiente que o jovem Luís de Camões tomou contacto com Virgílio e Homero, com Ovídio e Horácio, com a Geografia e a Astronomia, com a história universal e a mitologia clássica, com as literaturas modernas e com a poesia popular.

Os vastos conhecimentos que dessa matéria mostra na

Barreiros, António José. (1992). *História da literatura portuguesa* (15.ª ed.). Braga: Bazzera Editora.

Sobre os Textos



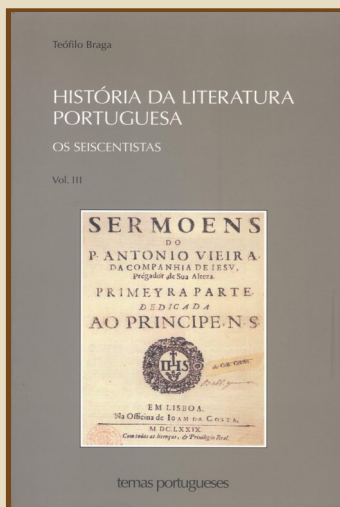
Cota: 80(09) BRA

Na Renascença há o antagonismo de duas almas, que se não compreendem, embaraçando a evolução normal da época histórica: a Antiguidade Clássica, com o génio grego ponderando, artístico, científico, filosófico e político, estabelecendo a harmonia entre a razão e o sentimento; e a Idade Média, impulsionada pelo cristianismo, nascido dos cultos orgiásticos orientais, contagiando o delírio religioso dos mitos patéticos que renovara. Verdadeiramente inconciliáveis, estas duas almas aproximando-se na renascença helénica dos séculos XIII e XVI, quando a teologia católica reproduzia a metafísica alexandrina, e quando as literaturas nacionais procuravam imitar a beleza da forma. Raros foram os artistas e poetas que souberam realizar este acordo. (...) Realizaram este acordo artistas como Rafael, Miguel Ângelo e Corrégio, e poetas como Camões, cuja característica é a conciliação dos dois espíritos clássico e medieval. (...) A sua obra, inspirada de todos os elementos poéticos que constituem... (pp. 272-273)

Braga, Teófilo. (2005). *História da literatura portuguesa: renascença* (3.^a ed.). Lisboa:

INCM.

Sobre os Textos



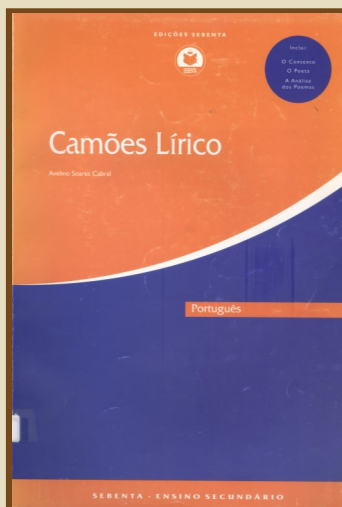
Cota: 80(09) BRA

Acentuam-se dois aspectos no lirismo seiscentista; uma viva compreensão do estilo camoniano, continuando-o com felicidade, conciliando-se com a renovação das formas velhas da redondilha agora admiradas na primeira fase mirandina. Estas duas correntes do gosto quinhentista suscitaram os antagonismos entre camoístas e tassistas, pela preocupação da linguagem figurada, das imagens deslumbrantes e fantasiosos tropos, prevalecendo nos líricos culteranistas os romances assonantados, amorosos, místicos, picarescos e granadinos, na epopeia a narrativa dos falsos cronicões, e no teatro, a comédia famosa de capa e espada. Nesta incoerência estética, salvaram-se as verdadeiras organizações poéticas, vegetando neste sincretismo uma efémera eflorescência de mediocridades, meramente aproveitáveis quando conduzem a alguma inferência

Braga, Teófilo. (2005). *História da literatura portuguesa: os seiscentistas* (3.^a ed.).

Lisboa: INCM.

Sobre os Textos



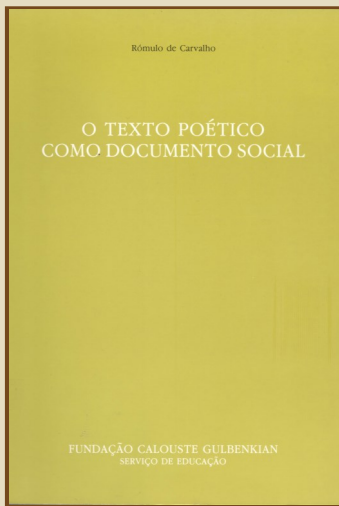
Cota: 80 CAB

Camões cultivou os chamados três géneros maiores: o épico, o lírico e o dramático. Como poeta épico, legou-nos a tão conhecida epopeia *Os Lusíadas*; como dramaturgo, compôs três peças: *Anfitriões*, *El-Rei Seleuco* e *Filodemo*; como poeta lírico, deixou-nos numerosas composições, algumas delas sobejamente conhecidas: sonetos, canções, odes, elegias, éclogas, vilancetes, cantigas, esparsas, trovas, sextinas, etc.

O texto lírico exprime o mundo interior, as emoções, alegrias e tristezas, as preocupações do “eu”, isto é, a sua subjectividade. Tratando-se de um texto literário, o “fingimento” e a verosimilhança são servidos por uma forte originalidade na expressão metafórica do “eu” e pelo aproveitamento das virtualidades expressivas do signo, quer da sua componente fónica (significante), quer da sua componente conceptual (significado). Daqui resulta a dificuldade de descodificação do texto poético, obra de arte recriada em cada leitura estética, inesgotável na sua

Cabral, Avelino Soares. (1997). *Camões lírico*. Mem Martins: Sebenta.

Sobre os Textos



Cota: 80 CAR

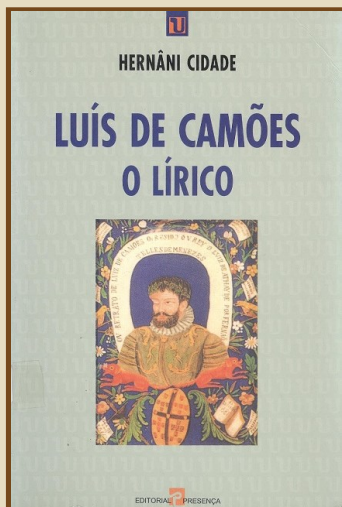
D. Sebastião considera-se um predestinado, escolhido pelo Céu para o alargamento do império e da fé cristã. O seu grande sonho era o de combater os infiéis, exterminá-los até ao último deles como se ainda se vivesse no tempo das cruzadas. Planeara desembarcar na costa marroquina, fronteira ao Algarve, e aí, de espada coruscante em punho, montado num fogoso cavalo, retalhar a carne maldita da moirama e só baixar o braço quando não houvesse um só infiel de pé. Alguns fidalgos, bem poucos, do seu círculo de relações, procuravam dissuadi-lo da efectivação de tal empresa, mas muitos outros o incitavam, já pelo silêncio, já por palavras de concordância mais ou menos sinceras.

Camões, com o seu verbo inspirado, exaltou o sonho de D. Sebastião. O poema *Os Lusíadas* foi publicado em 1572, tinha o rei dezoito anos, e nele o poeta incita o jovem monarca a passar ao norte de África para dilatar a fé e o império... (pp. 29-30)

Carvalho, Rómulo de. (1995). *O texto poético como documento social* (2.^a ed.). Lisboa:

Fund. Calouste Gulbenkian.

Sobre os Textos

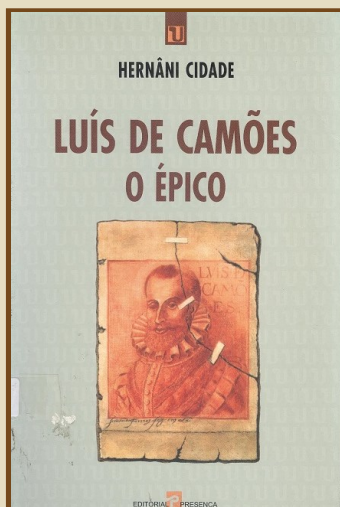


Cota: 80 CID

Ao contrário de António Ferreira, Camões não se deixou deslumbrar pelas formas de poesia culta e aristocrática do seu tempo, ao ponto de ser insensível ao encanto do lirismo tradicional. Assim como no poema épico, ele soube entrelaçar as lendas da tradição com os mitos da cultura, ser o eco da esparsa voz dos homens do comum, ao mesmo tempo que o exaltador, culto e artista, das façanhas dos grandes, assim a sua lírica, sendo por vezes, um eco nítido do *dolce stil nuovo*, não deixa de ser simultaneamente a florescência mais alta e mais graciosa daquela que, vinda dos Cancioneiros medievos, ainda enchia de fresco sabor os autos de Gil Vicente. Ainda bem que assim foi. Porque é bela, em sua ingenuidade, essa lírica tradicional, e porque o Poeta, sem lhe fazer perder a graça narrativa, soube adaptá-la aos... (p. 86)

Cidade, Hernâni. (1984). *Luís de Camões: o lírico* (3.^a ed.). Lisboa: Presença.

Sobre os Textos



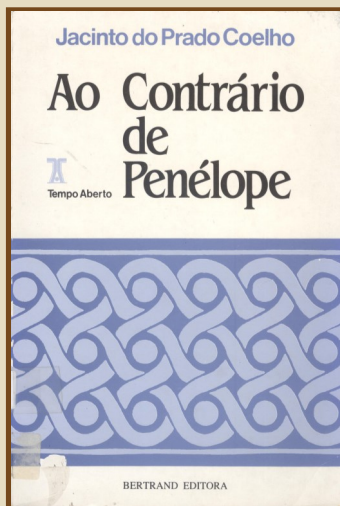
Cota: 80 CID

Influências de Virgílio

Uma obra-prima como *Os Lusíadas* implica larga e persistente colaboração, com a emotividade poética e com a intuição criadora, da inteligência crítica que ordena e relaciona, da imaginação que inventa e orna, da técnica da língua e do metro, tudo isto fecundado pela cultura humanística e científica. Não é sem a-propósito que o Poeta, quase no fim do poema, lembra ao rei: Nem me falta na vida honesto estudo, / Com longa experiência misturado, / Nem engano, que aqui vereis presente, / Cousas que juntas se acham raramente. (X, 154).

Mas como erguer a arquitectura que se adaptasse a tal matéria? Se, como já sabemos, o plano do poeta não podia ser uma história em verso do povo português, mas antes de um poema à maneira virgiliana, sobre acontecimento... (p. 34)

Cidade, Hernâni. (1995). *Luís de Camões: o épico* (2.^a ed.). Lisboa: Presença.

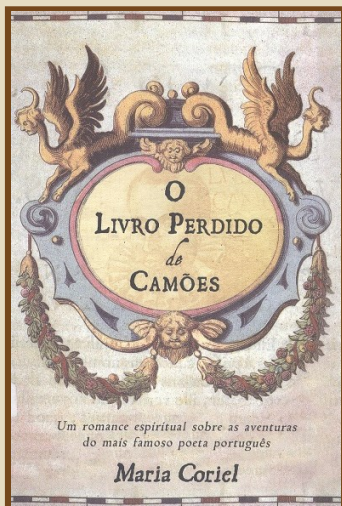


Cota: 80 COE

Note-se que a evolução épica do passado (feita com incessante oscilação dos tempos verbais entre o perfeito, o imperfeito e o presente) resulta de um empenhamento no presente: em função do presente, busca-se no passado lição e estímulo; a história é um quadro vivo, como na explicação das pinturas das bandeiras por Paulo Gama. Em alguns discursos o que se relata, naturalmente no futuro ou no chamado «condicional», que é o futuro do passado, são acontecimentos que haviam de suceder-se depois do momento em que fala a personagem; é, entre outros, o caso do discurso do Adamastor («Casos que Adamastor contou futuros») e do discurso da Ninfa, no início do Canto X («Cantava a bela Deusa que viriam / Do Tejo, pelo mar que o Gama abrira...») (p. 91)

Coelho, Jacinto do Prado. (1987). *Ao contrário de Penélope*. (3.ª ed.). Venda Nova: Bertrand.

Sobre os Textos



Cota: 821.134.3-31 COR

Sobre os Textos

Teria construído versos mais belos se fosse rico, de família ilustre e afamada? Teria elaborado melhores versos se tivesse o aconchego morno dos paços e o tempo ocioso para esticar as rimas? Não. “Esculpiu a necessidade o meu engenho. Deram-me as injustiças olhos de águia. Creio que tudo está certo. Nada está em excesso, nada é injusto. Porque o caminho que a luz das minhas estrelas abriram vem de muito longe, mais antigo do que a minha carne e do que as fracas roupas que a vestem.”

Homem sofrido, guerreiro arrojado, poeta imortal. Luís de Camões não se limitou a cantar a alma portuguesa. Foi mais longe, e viveu-a. O Livro Perdido de Camões é a história dessa vida. Preso entre o que gostaria de ter feito, o que lhe foi possível fazer e o que os outros dele esperavam, Camões viveu entre a dúvida e o desejo, perda e desencanto, cumplicidade e amor, num agreste destino do qual foi inteiramente lúcido. (Contracapa)

Coriel, Maria. (2008). *O livro perdido de Camões*. Parede: Chá das cinco .

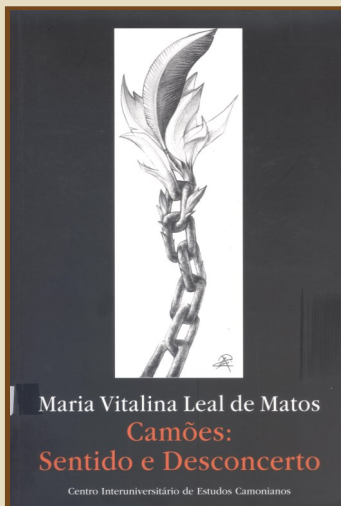


Cota: 80 DIA

Camões e o tempo português em que viveu

A obra literária camonianana nasceu num tempo histórico com definições políticas (pelo menos aparentes) e sérias indefinições ideológicas. A essas definições, subjaz um quotidiano português, reflectido na especificidade do ser português, de que o Épico se não alheou inteiramente. Fazem parte dele o naturalismo ingénuo, a sentimentalidade recorrente, a miscigenação da esperança e do desalento, o estatuto económico débil de boa parte dos estratos dominantes, a miséria de amplas camadas populares, o arcaísmo das estruturas agrícolas, a fuga do trabalho rural para o trabalho urbano. E é o reflexo de uma parte deste quotidiano na inteligência do Vate – que foi estouvado e cortesão, inadaptado na Europa e aventureiro na Ásia, homem de largos gastos e escassos rendimentos – que retira ao seu petrarquismo, por exemplo, o carácter de uma simples cultura adaptativa de padrões estrangeiros, para o tornar uma cultura existencialmente inserida na realidade lusa e... (pp. 39-40)

Dias, J. S. da Silva. (1981). *Camões no Portugal de quinhentos..* Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - M. da E. e C.



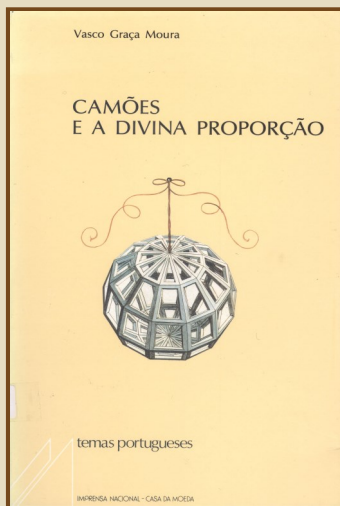
Cota: 80 MAT

Sobre os Textos

Aquilo a que chamei hipertrofia do eu, e que se designará mais claramente como o engendramento duma personalidade genial e dramática, atravessa toda a obra de Camões, subterrânea ou explicitamente, ganhando corpo em muitos textos e eclodindo em casos especiais, como o soneto analisado e a Canção X, entre outros.

A esta imagem de si próprio contrapõe muito frequentemente o poeta a imagem do desconcerto ou do Destino, que se manifesta de formas diversas: desde um simples nome que se designa fenómenos incompreensíveis, aparentemente irracionais ou injustos, ao conceito de um ser poderoso, consciente e malévolo, interessado directamente na infelicidade do poeta. Dir-se-ia que, apesar de desconhecermos a cronologia da maior parte dos poemas... (pp. 29-30)

Matos, Maria Vitalina Leal de. (2011). *Camões: sentido e desconcerto*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.

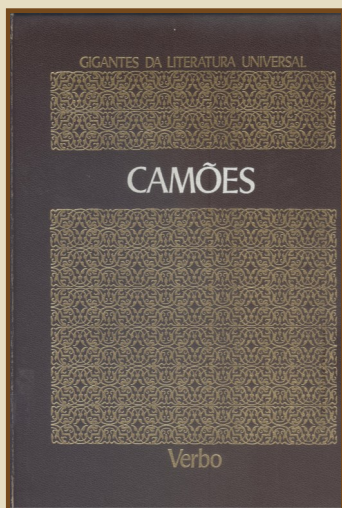


Cota: 80 MOU

Ao contrário do que muitas vezes tem sido afirmado, basta a existência das redondilhas *sobre os rios que vão* para demonstrar que o platonismo de Camões foi intenso e extenso, pelo menos numa dada fase da sua vida. O estudo de algumas das várias linhas que confluem nesse platonismo, remota ou proximamente, constitui um dos objectos do presente ensaio, mesmo quando tais aspectos só tenham sido indirectamente tratados. Ora, se Camões acaba por poder ser reconduzido à tradição platónica renascentista e pós-renascentista, será útil ter presente o desenvolvimento de uma das raízes longínquas de tal tradição, qual seja o papel de certos textos, ou categorias de textos, de índole religiosa (bíblicos, patrísticos, etc.), na evolução da história cultural e da literária, pois não parece que vários aspectos da mentalidade renascentista sejam explicáveis apenas pela recente «redescoberta» da antiguidade clássica a partir dos alvares do período histórico considerado. O sincretismo da época acaba por também incorporar... (pp. 13-14)

Moura, Vasco Graça. (1994). *Camões e a divina proporção*. Lisboa: I. N. C. M..

Sobre os Textos



Cota: 80(092) ORL

Sobre os Textos

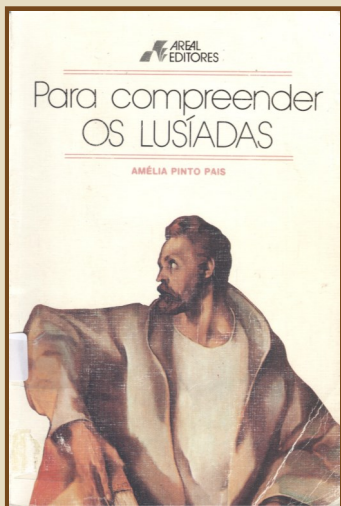
Ao longo de quatro séculos, em Portugal como no estrangeiro, a grandeza da obra camoniana não cessa de impor-se.

Logo que o poeta morre, desfaz-se a conspiração de silêncio – deliberada ou casual – e as primeiras vozes de aplauso entusiástico erguem-se a celebrar aquele que desde logo é chamado «o Príncipe dos Poetas portugueses».

São numerosos os elogios em verso latino ou português feitos por homens de letras nacionais e estrangeiros. Poetas universais como Tasso e Cervantes exaltam-no. Diogo Bernardes dedica-lhes o soneto célebre que termina:

«Honrou a pátria em tudo: imiga sorte / A fez com ele só ser encolhida, / Em prémio d'estender dela a memória. / Mas se lhe foi fortuna escassa em vida, / Não lhe pode tirar depois da morte / um rico amparo de sua fama, e glória.»

O século XVII assiste a uma vaga de ardente camoniano. (p. 129)



Cota: 80 PAI

O género épico remonta à antiguidade grega e latina, sendo os seus expoentes máximos, na Antiguidade, Homero e Virgílio. Trata-se de um género narrativo, em verso, destinado a celebrar feitos grandiosos de heróis fora do comum, reais ou lendários, em estilo elevado. Tem, pois, um fundo histórico, ainda que não se trate de narrativas históricas: com efeito, normalmente, a base histórica de poemas como a «Ilíada», «A Odisseia» ou «A Eneida» perde-se por detrás da sua transfiguração estética, poética, sob a forma de narrativas de lendas e mitos ligadas a esses acontecimentos históricos – a guerra de Troia, a fundação de Roma...

A epopeia visa celebrar feitos grandiosos de um herói ou heróis, reais ou lendários, como ficou dito, mas

Pais, Amélia Pinto. (1989). *Para compreender "Os Lusíadas"*. Porto: Areal .



Cota: 80 PIR

Exaltação: obediência às normas do género; imitação; originalidade

Camões, Príncipe dos poetas heróicos – esta fórmula, tantas vezes repetida ao longo do século XVII, é a que melhor sintetiza a imagem que de Camões épico esta época formou. O tom dominante na crítica que se ocupa da epopeia camoniana é de facto de entusiástica exaltação.

O poema camoniano é comparado com outros poemas célebres para se demonstrar a sua superioridade; Camões é incluído no número dos épicos de valor indiscutível, ombreando assim com Homero e Vergílio; alguns autores chegam mesmo a atribuir-lhe o primeiro lugar entre os poetas épicos. Faria e Sousa, por exemplo, depois de afirmar que Camões «en el espíritu y furor poético excedió a todos», aceita colocá-lo depois de Homero e Vergílio, mas acrescenta que o colocaria em primeiro lugar se ele tivesse limado os insignificantes defeitos que aponta no seu poema. (p. 15)

Pires, Maria Lucília Gonçalves. (1982). *A crítica camoniana no século XVII*. Lisboa: Instituto. de Cultura e Língua Portuguesa.



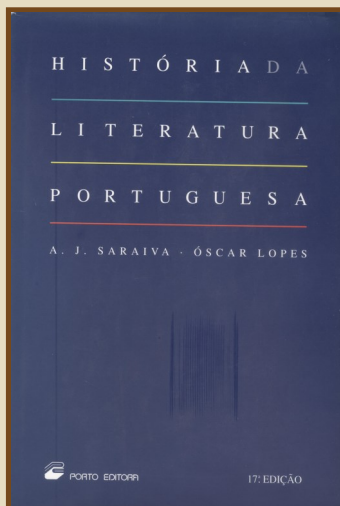
Cota: 80(092) RAM

Neste ponto talvez não seja deslocada uma vista de olhos sobre Baco em *Os Lusíadas*. Já vimos que uma tradição humanística, familiar a Camões desde os livros da infância, fazia de Baco o primeiro conquistador da Índia ao mesmo tempo que assinalava a sua passagem na Lusitânia, cujo nome derivava de Luso, seu filho, ou de Lysa, seu companheiro. Mas além deste pormenor de arqueologia mítica, que mais sabia Camões do poderoso deus? Provavelmente tudo quanto diz Ovídio nas *Metamorfoses*, pelo menos. E muitas outras referências teria coligido indirectamente, em autores clássicos e em humanistas. (...)

O Baco funcional de Camões serve apenas para polarizar, encarnando-as, o conjunto das dificuldades que vão

Ramalho, Américo da Costa. (1980). *Estudos camonianos* (2.^a ed.). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

Sobre os Textos



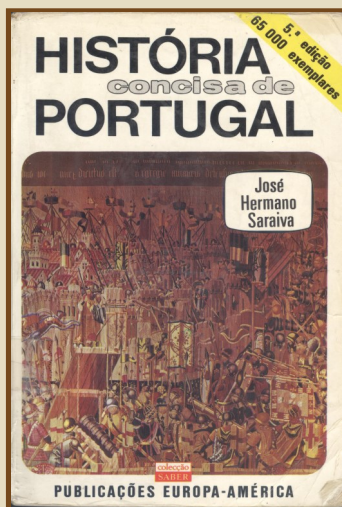
Cota: 80(09) SAR

Como já notámos, seguindo Sá de Miranda e afastando-se de António Ferreira, Camões cultivou igualmente a escola tradicional em redondilha maior e menor (vilancetes, cantigas e outras composições obrigadas a mote, quintilhas, etc.) e os géneros em hendecassílabo. Num e noutro metro escreveu em português e castelhano. Por aí ele constitui uma ponte entre certa tradição peninsular representada pelo Cancioneiro Geral e os seiscentistas.

Camões atingiu uma mestria do verso que deixa para trás os seus antecessores em redondilha ou em decassílabo. A arte com que narra uma curta história (como em *Sete anos de pastor Jacob servia*), ou estiliza o discurso interior (como na canção *Vinde cá* ou nas redondilhas *Sobre os rios*), ou desenvolve musicalmente, como que sem discurso, um tema tradicional (voltas ao mote Saudade minha), ou discorre de modo reflexivo (*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades*), fazem de Camões (...) o maior poeta antes de Fernando Pessoa. (p. 314)

Saraiva, António José & Lopes, Óscar. (2001). *História da literatura portuguesa* (17.^a ed. corrigida e atualizada). Porto: Porto Editora.

Sobre os Textos

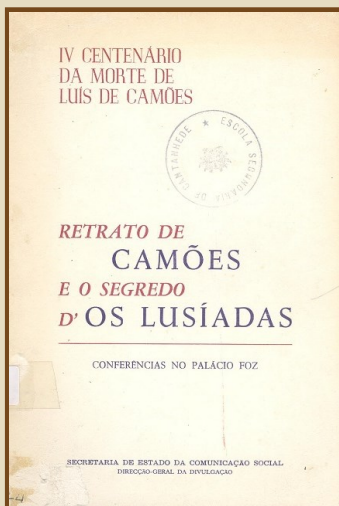


Cota: 94(469) SAR

O rei D. Manuel não se enganou quando mandou que em todo o país se festejasse o regresso de Vasco da Gama. Com a viagem inaugurava-se, de facto, um ciclo novo da história de Portugal. (...) A ideia de D. João II – um pacífico trato comercial com os senhores da terra, baseado na amizade e no proveito mútuo – depressa se tornou irrealizável. A segunda viagem, comandada por Pedro Álvares Cabral, começou com embaixadas e mesuras e acabou com o bombardeamento de Calecut. Quando chegámos ao Índico, já o comércio que ali se praticava tinha os seus donos: negociantes mouros instalados um pouco por toda a parte e com sólidas relações com os príncipes indianos. O conflito durou desde o primeiro momento: os Mouros tentaram impedir o comércio português, Portugueses procuraram dar caça e destruir a navegação moura. A mentalidade guerreira dos nobres a quem foi confiada a nossa política na Índia... (p. 147)

Saraiva, José Hermano. (1979). *História concisa de Portugal* (5.^a ed.). Mem Martins: Europa-América.

Sobre os Textos



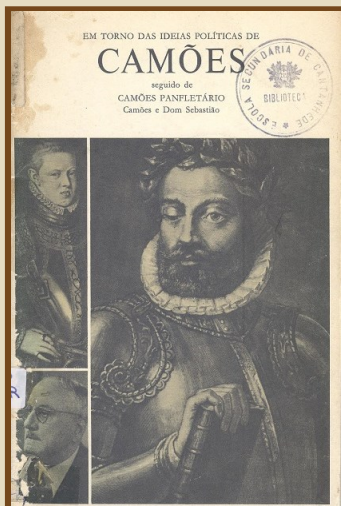
Cota: 80 SEC

Sobre os Textos

Não se sabe a data certa em que Camões deixou Coimbra para vir procurar emprego na capital. A carreira mais tentadora para um jovem com ambições, desejoso de conhecer mundo, era a militar. Não havia então um esquema de funções hierárquicas, como hoje, nem um exército regular comparável com os exércitos dos países actuais. Entre o soldado e o comandante não existia toda a escala de postos intermédios da moderna organização militar e prestavam serviço, como simples soldados, homens das mais variadas extracção social, idade e cultura. Não quer dizer que as condições fossem as mesmas para todos. A vida era certamente mais fácil para os nobres, sobretudo quando endinheirados. E se é duvidoso que Camões tenha pertencido sequer à pequena nobreza, embora chamado 'cavaleiro fidalgo' num documento oficial, não há duvida nenhuma de que era nobre.

Em Ceuta, cidade-fortaleza do Norte de África, ocupada pelos Portugueses desde 1415, tratavam-se constantes escaramuças com os Mouros, em terra e no mar. Aí terá ficado o poeta, em 1547 e 1548, e perdeu o olho direito em circunstâncias desconhecidas. (p. 12)

Secretaria de Estado da Comunicação Social (1980). *Retrato de Camões e o segredo d' "Os Lusíadas"*. Lisboa: S. de Estado da Comunicação Social.



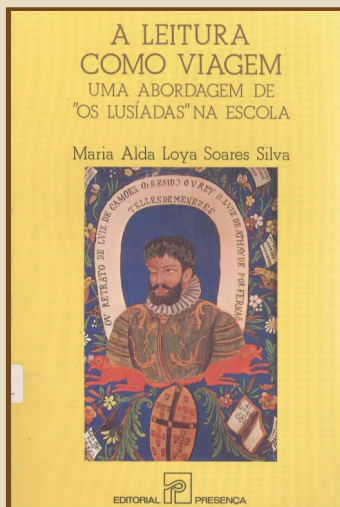
Cota: 80 SER

Sobre os Textos

Para ver se a política externa do Camões era a doutrina de um individuo, concebida individualmente, ou se exprimia, pelo contrário, uma ideia nacional, deixai-me lembrar um pequeno facto: quando D. João III subiu ao trono, enviou-lhe Carlos V um embaixador, a dar-lhe pêsames pela morte do pai; mas, além dessa, trazia o enviado uma missão secreta: a de propor-lhe uma liga com a França. Ora, pelo que respeita a este ponto, diz o cronista Frei Luís de Sousa, nos Anais de D. João III, que o nosso monarca respondeu o seguinte:

...«fazer el-rei de Portugal públicas declarações contra um príncipe de quem não tinha agravo, antes boa e antiga correspondência, e no primeiro ano que tomava o governo de seus reinos, seria dar que dizer ao mundo, que referiria a leviandade, e a ser moço, uma resolução tão grande como era romper guerra com um rei cristão, muito poderoso e amigo, e sem ser provocado, quando a profissão dos reis de Portugal era só fazer guerra a infiéis. (p. 9)

Sérgio, António. (1977). *Em torno das ideias políticas de Camões*. Lisboa: Sá da Costa.



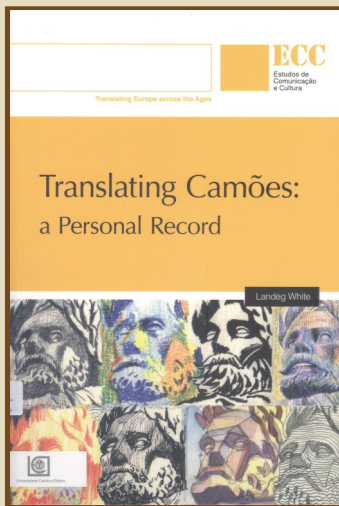
Cota: 80 SIL

Muito se tem escrito sobre a biografia de Camões e muitos problemas se levantam a todos os que se debruçam sobre a vida do Poeta. Não parece pertinente, neste tipo de livro, levantar questões polémicas, mas sim referir o que está comprovado e que foi objecto de estudo de personalidades como Hernâni Cidade, Jorge de Sena, Costa Pimpão, entre outros abalizados estudiosos de Camões.

Limitar-nos-emos a alguns dados: **O nascimento** – Grande número de biógrafos aponta o ano de 1524 como o do nascimento de Camões, sem, contudo, deixar de afirmar que se trata de uma data «provável», uma vez que nada se apurou de concreto. Do mesmo modo, a cidade de Lisboa é indicada como a terra natal do Poeta, embora sem qualquer prova cabal.

A família – Filho de Simão Vaz de Camões e de D. Ana de Sá Macedo, Luís de Vaz de Camões está aparentado, segundo Jorge de Sena (vide «Ascendentes e Parentes de Camões, Os Lusíadas e o mais que adiante se verá»), com famílias de grande importância no Portugal de Quinhentos,...(p. 14)

Silva, Maria Alda Loya Soares (1988). *A leitura como viagem*. Lisboa: Editorial Presença.

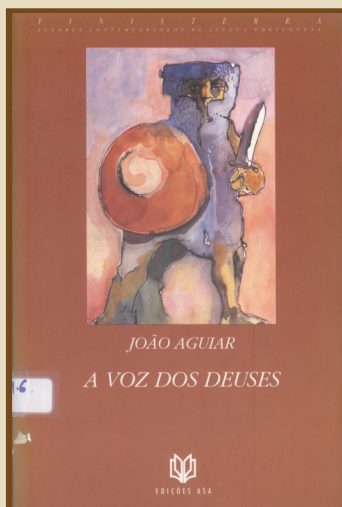


Cota: 80 WHI

Sobre os Textos

In the comprehensive and authoritative Routledge Encyclopedia of Translation studies, edited by Mona Baker, David Connolly, comments ‘translators... rarely keep notes about the process of translation or any record of the choices made in the process,’ adding ‘it is precisely insights into this process that are missing from most theoretical models.’ In 1997, Landeg White published his verse translation of Camões’s *The Lusíadas*, and in 2008 followed it up with verse translations of Camões’s *Collected Lyric Poems*. This short book, a contribution to the CECC series on ‘Translating Europe through the ages’, is a personal record of that experience. It records, over some seven and a half years, the almost daily choices made in respect of poetic form (choice of line-length, stanza, type of rhyme), grammar (phrase and sentence structure, navigating the differences between Portuguese and English syntax), and vocabulary (the diction appropriate for Camões’s huge variety of styles). The account makes few theoretical... (Contracapa)

White, Landeg. (2010). *Translating Camões: a personal record*. Lisboa: Universidade Católica.



Cota: 821.134.3-311.6 AGU

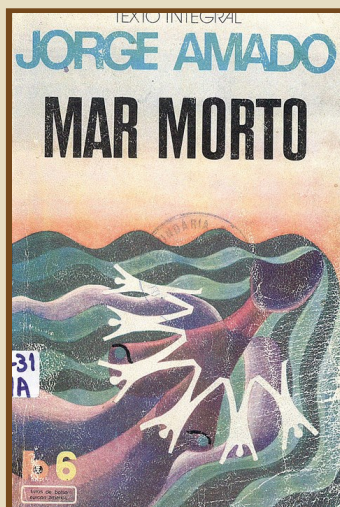
Con(7extos)

Em 147 a.C., alguns milhares de guerreiros lusitanos encontraram-se cercados pelas tropas do pretor Caio Vetúlio. Em princípio, trata-se apenas de mais um episódio da guerra que a República Romana trava há longos anos para se apoderar da Península Ibérica. Mas os Lusitanos, acossados pelo inimigo, elegem num dos seus e entregam-lhe o comando supremo. Esse homem, que durante sete anos vai ser o pesadelo de Roma, chama-se Viriato.

Entre 147 e 139, ano em que foi assassinado, Viriato derrotou sucessivos exércitos romanos, levou à revolta grande parte dos povos ibéricos e foi responsável pelo início da célebre Guerra de Numância.

Viriato foi um verdadeiro génio militar, político e diplomático. Mas, sobretudo, Viriato foi o defensor de um mundo que morria asfixiado pelo poderio romano: o mundo em que mergulham as raízes mais profundas de Portugal e de Espanha. É esse mundo, já então em declínio, que este livro tenta evocar. (Contracapa)

Aguiar, João. (1992). *A voz dos deuses* (13.ª ed.). Porto: Edições Asa.



Cota: 821-31 AMA

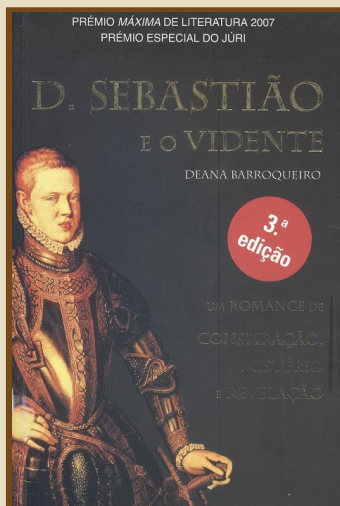
Con(7extos)

E os saveiros saíram juntos, cortando águas calmas. Do Viajante sem Porto, Maria Clara cantava. Nesse momento Guma compreendeu que perderia a aposta. Não há vento que resista a uma canção quando é bela. E essa que Maria Clara cantava é das mais belas. O saveiro de mestre Manuel se aproxima. O Valente sem vontade, que Guma está todo no embalo da canção. As luzes de Maragogipe são visíveis à margem do rio. O Viajante sem Porto passa por ele, Guma joga os quinze mil reis, mestre Manuel grita:

- Boa viagem.

Ele vai contente porque venceu mais uma carreira e a sua fama se consolidou ainda mais. Guma também tem fama no cais. Ele é um bom mestre de saveiro, mão firme no leme, e corajoso como não há outro. Na noite do Canavieiras ninguém quis sair, só ele teve coragem. Nem mesmo mestre Manuel quis sair. Nem Xavier, que tinha um desgosto na vida. Só foi ele. Desde então sua fama corre no cais. Ele é dos que deixam uma história, coisas sobres as quais os outros reflectirão. (pp. 72,73)

Amado, Jorge, (1977). *Mar morto*(4.ª ed.). Mem Martins: Europa-América.



Cota: 821.134.3-311.6 BAR

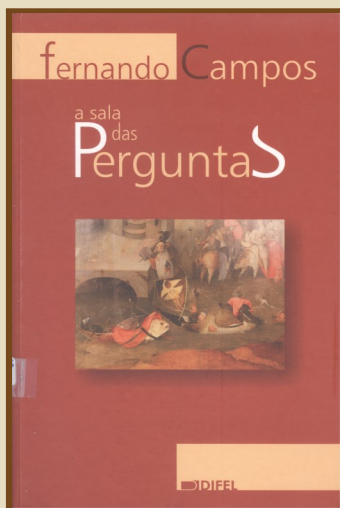
As vidas de el-rei D. Sebastião e Miguel Leitão de Andrada entrelaçam-se desde o nascimento até ao desastre de Alcácer-Quibir.

O rei-menino, corajoso mas ingénuo, e o leal fidalgo de Pedrógão Grande, reconhecido na região como vidente e protegido de Nossa Senhora da Luz, vêem-se implicados numa secreta e perigosa intriga de espionagem, com contornos sexuais. Os caminhos sinuosos deste quixotesco binómio de Cavaleiro/ Escudeiro, tão comum na época, revelam-nos, em pormenor, a vida da segunda metade do século XVI, com os prazeres e as suas misérias, as cerimónias de festa e de morte, na capital, mas também no Portugal rural. Vida transposta para um romance fascinante, construído a partir de rigorosa investigação de fontes históricas documentais - portuguesas, espanholas, italianas, francesas e holandesas – e condimentado pela exuberante imaginação de Deana Barroqueiro.

O rei mais desejado da nossa história é, apesar de todas as esperanças da nação ... (Contracapa)

Con(7extos)

Barroqueiro, Deana. (2008). *D. Sebastião e o vidente* (3.ª ed.). Porto: Porto Editora.



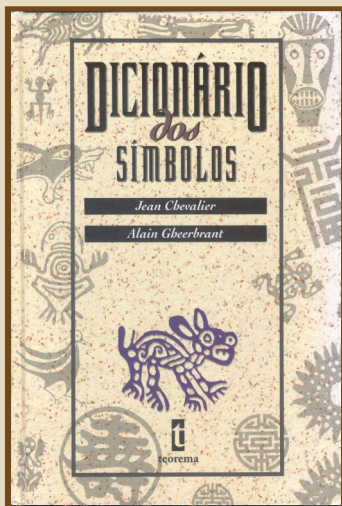
Cota: 821.134.3-311.6 CAM

Con(7extos)

Caminhávamos sem fazer caso, acudia adiante outra miudagem:

- Uma senha, senhor.
- Os Enfatriões do poeta Luís Vaz!
- Quem é este Luís Vaz? – perguntei a Barros.
- Deves conhecer os seus parentes. Dos Camões de Alenquer. Um seu avô, Vasco Pires, de costela galega, foi partidário de el-rei Fernando, que o recompensou com a alcaidaria-mor da tua terra.
- De Alenquer?
- Além de galego, era também poeta de mérito o alcaide. Este Luís Vaz, escolar de Coimbra acabado de chegar, como vês tem a quem sair.
- deixei muito novo a minha terra para conhecer essa gente.
- Está mais perto de ti do que podes imaginar. A mãe é Ana de Sá de Macedo. Uma irmã dela, Inês, foi a primeira mulher de teu pai rui Dias.
- ah! – assombro meu. – E este luís...
- Não conheces de certeza. Cerca de vinte anos.
- Uma senha, meu senhor! Uma senha!
- Olha o Auto dos Enfatriões!
- Deve ser a comédia do Anfitrião –disse Barros.
- Plauto? estou com curiosidade. Rapaz, dá cá duas senhas. Vens comigo, João. (pp. 316-317)

Campos, Fernando. (2005). A sala das perguntas (5.ª ed.). Lisboa: Difel.



Cota: 80(038) CHE

O abraço é o símbolo da força, do poder, do socorro concedido, da protecção. É também o instrumento da justiça: o abraço secular inflige aos condenados o seu castigo. [...]

O abraço é um dos meios da eficácia real enquanto impulso, equilíbrio, distribuição ou mão de justiça. [...]

O braço, e sobretudo o antebraço com a mão estendida, é considerado pelos Bambaras como o prolongamento do espírito, Mas o cotovelo, fonte da acção, é de essência divina. No gesto elementar pelo qual o homem leva o alimento à boca, o antebraço, meio termo entre o cotovelo e a boca, simboliza o papel do espírito, mediador entre Deus e o Homem. Daí a importância simbólica do còvado, que mede a distância do Homem a Deus. O còvado bambara mede vinte e dois dedos, número que corresponde à totalidade das categorias da criação e, por isso, representa o Universo. (p. 127)

Chevalier, Jean & Gheerbrant, Alain. (1994). *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Lisboa: Teorema.

Con(7extos)



Cota: 821.134.3-1 ESP

Con(7extos)

Ser poeta

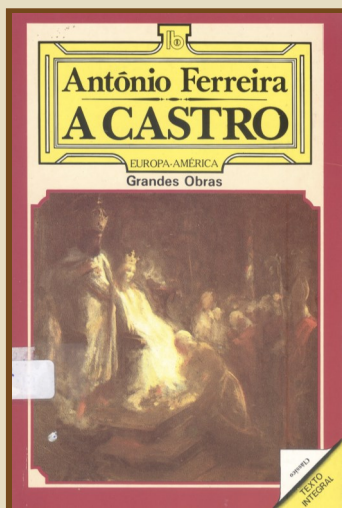
Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente! (p. 127)

Espanca, Florbela. (2006). *Poesia completa* (8.ª ed.). Lisboa: Bertrand.



Cota: 821.134.3-2 FER

Con(7extos)

Ó Ama, amanheceo-me hum alvo dia.
Dia de meu descanso. Sofre um pouco
Repetir de mais alto a minha história,
Em quanto o sprito lêdo co a lembrança
De seu temor, de que já está seguro,
Ajunta ao mal passado o bem presente.
Daquele grande Afonso forte, e sancto,
Por poderosa mão de Deos alçado
Entre armas, ant'imigos o Real cetro
Do grande Portugal, que inda está tinto
Do sangue de infieis por seu bom braço,
Por legitima herança rege, e manda
O bom velho glorioso da victoria,
E em nome de Salado, Afonso Quarto,
Dos Reys de Portugal setimo em ordem,
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta, ... (pp. 13-14)

Ferreira, António. (1991). *A Castro*. Lisboa: Europa-América.



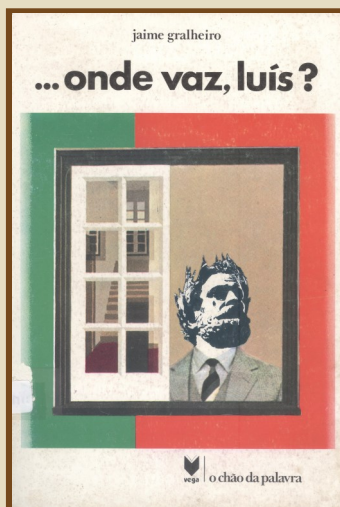
Cota: 821.134.3-92 FRE

O amor é o amor, ponto final. Não vale a pena adorná-lo como quem quer convencer os outros dos seus próprios sentimentos. Dizer amo-te chega, tem de chegar. O amo-te não precisa de ajuda nem pode ajudar quem o queira assumir, da mesma forma que não pode absolver o entendimento de quem o ouvir. Quem o profere deve saber o que diz e quem o ouve tem de saber o que significa. A distorção do conceito só serve para baralhar as coisas e, assim, poder dar-se ao luxo de as interpretar como der mais jeito, mesmo de forma dispar, quando as circunstâncias e os interesses forem distintos. [...]

Pai, tu amas-me? Numa espécie de adaptação aos novos tempos, não fiquei pelo Sim, amo-te, e optei por enfeitá-lo, transformando-o em Sim amo-te todos os dias. Uma expressão de desilusão emergiu-lhe do rosto e a pergunta que se seguiu fez-me perceber a asneira que cometera: E de noite não me amas? (pp. 122-123)

Freire, Paulo André. (2016). *Na casa dos teus braços*. Lisboa: Chiado Editora.

Con(7extos)



Cota: 821.134.3-2 GRA

Con(7extos)

Professora (numa escola) - Meninos, hoje vamos falar de Luís de Camões.

Alunos — Sim senhor, senhora professora!

Professora — Luís Vaz de Camões é o Príncipe dos poetas portugueses. Luís Vaz de Camões nasceu na cidade de Lisboa, em 1520.

Professor catedrático (numa universidade) - Magnifico reitor e srs. professores, Luís Vaz de Camões, o príncipe dos vates lusos...

Professora — uís Vaz de Camões estudou em Coimbra...

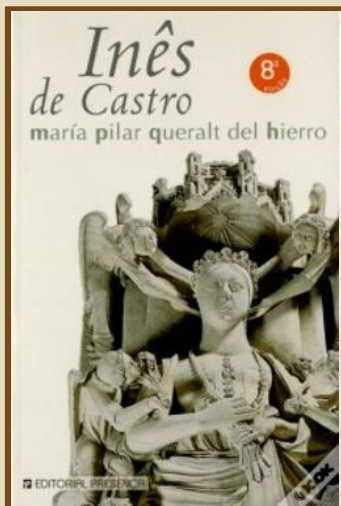
Político (na Tribuna da Assembleia Nacional) - Luís Vaz de Camões, o épico da raça, sr. presidente e srs. deputados!...

Professora — O épico da raça!

Professor universitário — O épico da raça!

Professora — De carácter apaixonado e feitio irrequieto, Luís Vaz de Camões, despedaçou os corações das mulheres do seu tempo; enquanto isso, com a espada, ia... (pp. 14-15)

Gralheiro, Jaime. (1983). *...Onde vaz, Luís?*. Lisboa: Vega.



Cota: 821-311.6 QUE

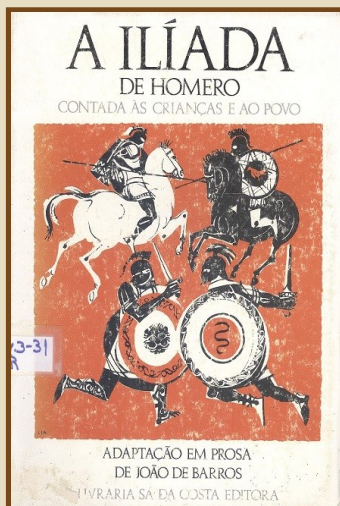
Inês nasceu em terras galegas, lá onde a névoa confunde os contornos das coisas, o verde transforma os prados em esmeraldas e o rumor contínuo da chuva converte a inquietude em suave melancolia. Do mar ali próximo aproveitou o azul dos olhos, dos morros arredondados que rodeavam as suas terras, a harmonia da figura e dos cuidados que auspicaram o seu nascimento, um certo magnetismo, a que que não escapava ninguém que a contemplasse. Criada como foi em Castela, dos trigais dourados recebeu a cor da abundante cabeleira e, da desolação da paisagem, uma certa austeridade de maneiras que a tornavam, se assim se pode dizer, ainda mais sedutora...

-Deixai-vos de enigmas, bom cavaleiro, e ide de imediato ao fundo da história, pois era capaz de apostar que o mesmo se passa com D. Lopes.

-Paciência, D. Luís, ser-me-ia impossível seguir com a minha história sem, antes, relatar as maravilhas que fizeram de D. Inês de Castro um mulher digna de ser louvada por poetas e artistas. (p. 24).

Hierro, Maria Pilar Queralt del. (2005). *Inês de Castro* (6.ª ed.). Lisboa: Presença.

Con(7extos)



Cota: 821.134.3-13 HOM

Con(7extos)

A intenção de Homero, como o anuncia logo no princípio da *Ilíada*, é precisamente contar 'a cólera de Aquiles e suas funestas consequências'. Poema da cólera dum homem e o seu castigo, a *Ilíada* mostra o que pode produzir a união do ódio e do exagero; põe-nos diante dos olhos, para empregar aqui as palavras de Pitágoras, 'os terríveis males que pode causar a intemperança dum só'.» (...)

A glória de Aquiles não é, pois, a finalidade confessada da *Ilíada*. O poeta não celebra ali senão uma pequena parte das façanhas do seu herói. O que ele pretende não é glorificar um personagem, não é exaltar uma raça ou um país. A sua simpatia manifesta-se por todos os bons soldados, qualquer que seja o campo em que se encontrem, e a sua humanidade entenece-se tanto perante o vencido troiano como em face do grego vencedor. A tese fundamental deste magnífico poema é uma tese moral, de perene valor, é a épica expressão de uma alma que detesta a guerra... (pp. 7-9)

Barros, João de. (Adaptação) (1974). *A Ilíada de Homero: contada às crianças e ao povo*. Lisboa: Sá da Costa.



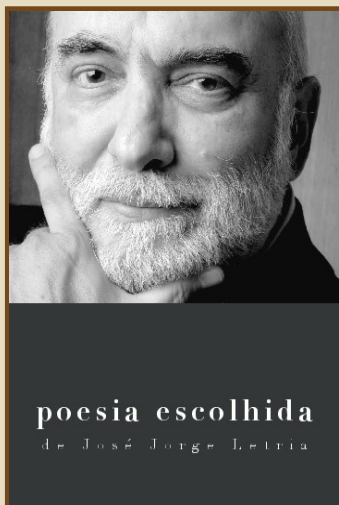
Cota: 821.134.3-13 HOM

Con(7extos)

A história que ides ler passou-se há alguns milhares de anos. Mas, século a século, os homens têm-na ouvido e repetido sem nunca se enfadarem. Veio até nós da Grécia antiga, berço da nossa civilização. E se os heróis e a sua gente de quem nela se fala morreram nem se sabe quando, ou, mesmo, jamais existiram, - os lugares, as praias, as montanhas, os portos, as ilhas e o mar de que se fala aqui, hoje os podemos ainda visitar e percorrer, embora quase sempre outros nomes os indiquem à nossa atenção. E a todos ficaram para sempre ligadas a lembrança e a saudade dos acontecimentos prodigiosos contados n' *A Odisseia*.

É esta a gloriosa história de Ulisses, do homem de mil façanhas e ardis, do herói que, depois do cerco, tomada e incêndio de Tróia, cidade célebre da Ásia Menor – visitou as cidades mais diversas, conheceu gentes estranhas e enfeitiçou a alma de povos distantes. Num frágil navio, errou sobre as ondas incertas, cheio de angústia, transido de aflição... (pp. 5-6)

Barros, João de. (Adaptação) (2008). *A Odisseia de Homero: contada às crianças e ao povo* (37.ª Ed.). Lisboa: Sá da Costa.

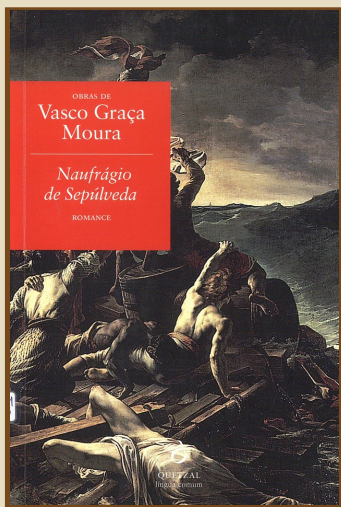


Cota: 821.134.3-1 LET

Con(7extos)

Eu morro dia a dia, sabendo-o, sentindo-o,
Com a morte do amor em mim.
Esvaiu-se, ensandeceu, partiu,
Espécie de sol sepultado por mãos ímpias,
Numa cratera de lua, algures,
Ou na tristeza de um retrato emudecido
Pela ausência de voz em redor.
Sem ele, a casa ficou deserta
De risos, acenos e afectos, de tudo,
As mãos ficaram ásperas, secas,
A pele do rosto gretada, fria,
E o sangue tornou-se lento e espesso,
Incapaz de dar vida às pequenas folhas
Orvalhadas da imaginação das noites.
A erva cresce em redor de mim,
Os limões ficaram ressequidos sobre
A toalha bordada, num canto da mesa.
O amor tudo mata quando morre,
Detendo no seu movimento elementar,

Letria, José Jorge. (2012). *Poesia escolhida*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

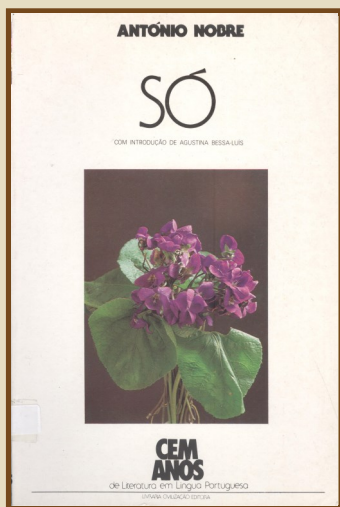


Cota: 821.134.3-31 MOU

A operação que tinha levado ao estouro do Sepúlveda não me interessa absolutamente nada, pouco adianta para o caso, do meu ponto de vista, pelo que agradei as informações do professor, que me dispensavam de procurar o tal colega, mas disse-lhe que preferia que ele me explicasse alguma coisa mais sobre a irmã do Sepúlveda, já que me tinha conseguido uma entrevista com ela. Respondeu-me que a conhecia relativamente mal, e que apenas sabia genericamente do que se tinha passado, por uma conversa telefónica que tivera com o Sepúlveda na tarde desse dia, entre duas reuniões no escritório do advogado. A irmã mandou-lhe dizer pela criada que queria falar com ele antes do marido o receber. Estava à sua espera numa saleta pequena, a tricotar uma camisola encarnada, e pousou o trabalho quando o Manuel entrou. O Manuel tinha destas coisas, registava tudo, é estranho, não é, que numa altura daquelas ele tinha reparado na cor da camisola que a irmã estava a fazer... (pp. 104, 105)

Moura, Vasco de Graça. (2009). *Naufrágio de Sepúlveda* (3.ª ed.). Lisboa: Quetzal.

Con(7extos)



Cota: 821.134.3-1 NOB

Em certo reino, à esquina do Planeta,
Onde nasceram meus Avós, meus Pais,
Há quatro lustres, viu a luz um poeta
Que melhor fora a não ver jamais.

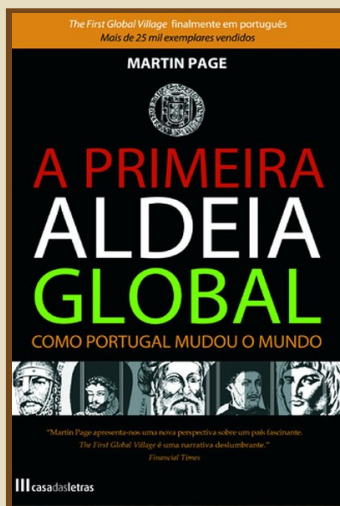
Mal despontava para a vida inquieta,
Logo ao nascer, mataram-lhe os ideais,
À falsa fé, numa traição abjecta,
Como os bandidos nas estradas reais!

E embora eu seja descendente, um ramo
Dessa árvore de Heróis que, entre perigos
E guerras, se esforçam pelo ideal:

Nada me importa, País! Seja meu Amo
O Carlos ou o Zé da Teresa... Amigos,
Que desgraça nascer em Portugal!

Nobre, António. (1995). Só. Porto: Civilização.

Con(7extos)

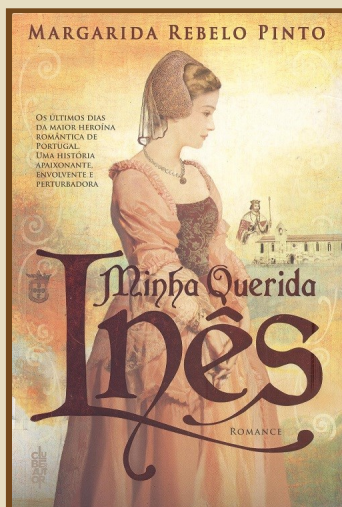


Cota: 94(469) PAG

Con(7extos)

Vasco da Gama viria a sofrer muitos revezes e contratempos. Também raramente se esqueceu de que não era explorador, mas diplomata: a sua verdadeira façanha era mais corajosa e mais notável, do que vulgarmente lhe é atribuído - lançou os primeiros alicerces do que o professor Charles Boxer, historiador inglês que estudou as aventuras dos portugueses além-mar, classificou como «o império marítimo» no século que se seguia maior epopeia, os portugueses – cujo número não ia além do milhão e meio - vieram a ser a potência dominante sobre uma vasta região que se estendia do Brasil ao Japão. O português veio substituir o árabe como língua franca. Os navios portugueses não só tinham praticamente o monopólio do comércio entre a Ásia e a Europa, mas constituíam de longe a maior frota mercante e de guerra do oceano Índico e do mar da China. Houve portugueses entre os conselheiros do imperador da China. Construíram fortes no Barein, na Pérsia, na fronteira noroeste do Paquistão ... (p. 142-143)

Page, Martin. (2008). A primeira Aldeia Global: como Portugal mudou o mundo. (2.^a ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.

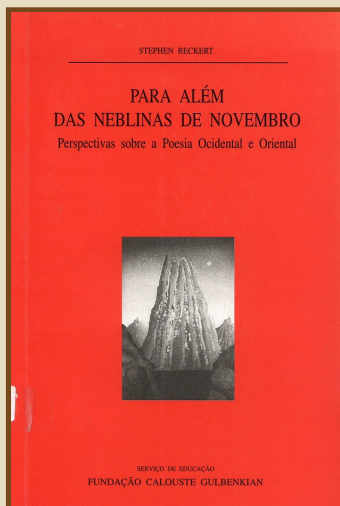


Cota: 821.134.3-311.6 PIN

Con(7extos)

Vivia-se um tempo de sombras, de medos e de uma incerteza tão grande como o tamanho do primeiro monstro que podia saltar do desconhecido. A floresta era a única paisagem constante. Era desse mundo fechado, escuro e oculto para a maioria, que chegava o alimento da imaginação. Tudo podia acontecer. E se havia um só Deus que olhava do alto para todos os gestos, também o vazio das respostas enchia os castelos, os mosteiros, as igrejas e as barracas de madeira que se erguiam em volta. Portugal tinha-se tornado independente há apenas dois séculos. Os caminhos eram longos, cheios de perigos, e cruzados apenas por aqueles que podiam impor-se pela violência, quase sempre a cavalo. O resto era gente que vivia a vida inteira num raio de poucos quilómetros e alguns aventureiros de burro que chegavam de fora e traziam tudo o que era novo. Reis e senhores disputavam territórios num ambiente de intriga constante, usando e abusando da sua condição superior. (p. 11)

Pinto, Margarida Rebelo. (2011). *Minha querida Inês*. Lisboa: Clube do Autor.

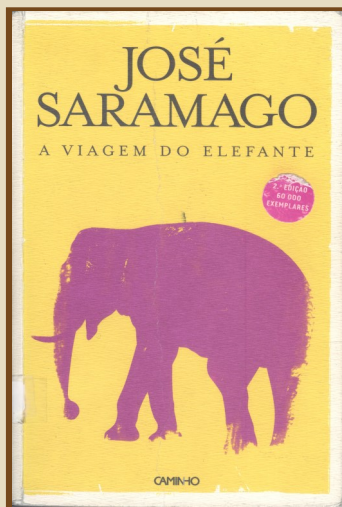


Cota: 80 REC

Mas a meta de uma nação, como organismo social colectivo, pertencendo pela sua natureza ao mundo e à História, não pode ser tão ambiciosa; e na medida em que o verdadeiro herói de Os Lusíadas (como o título implica) é o povo português, de quem Vasco da Gama e os seus companheiros mais não são do que uma sinédoque, a verdadeira meta do seu «regresso» não pode ser se não a Ilha e a sua Montanha. Já foi dito que o clima e a vegetação da Ilha dos Amores são idênticos aos de Portugal (um Portugal idealizado, descrito em termos de um locus amoenus), enquanto os da Índia – que o poeta conhecia por experiência quase tão íntima – saíram directamente do tratado de botânica e farmacologia do seu contemporâneo Garcia de Orta. É ponto assente, pelo menos, que a Índia não é a verdadeira meta dos marinheiros. Ao largarem de Calicute, com a missão ostensiva da sua viagem já cumprida.... (pp. 187-188)

Reckert, Stephen. (1999). *Para além das neblinas de novembro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Con(7extos)

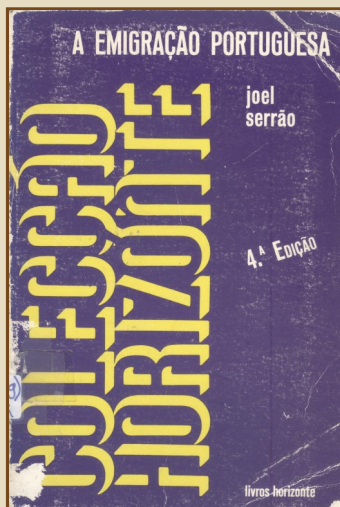


Cota: 821.134.3-31 SAR

O comandante disse, Bons dias a todos, e perguntou, Em que posso servi-los, Gostaríamos de ver o elefante, A hora não é a melhor, interveio o cornaca, o elefante tem mau acordar. A isso o padre respondeu, É que além de o verem as minhas ovelhas e eu, também o queria benzer para a viagem, trago aqui o aspersório e a caldeirinha de água benta, É uma bonita ideia, disse o comandante, até agora nenhum sacerdote dos que viemos encontrando pelo caminho se tinha oferecido para abençoar o salomão, Quem é o salomão, perguntou o cura, O elefante chama-se salomão, respondeu o cornaca, Não me parece próprio dar a um animal o nome de uma pessoa, os animais não são pessoas e as pessoas tão-pouco animais, Não tenho tanta certeza disso, respondeu o cornaca, que começava a embirrar com a parlenga, É a diferença entre quem fez estudos e quem não os tem, rematou, com censurável sobrançeria, o cura. Dito isto, virou-se para o comandante e perguntou, Dá vossa senhoria licença que... (p. 84)

Con(7extos)

Saramago, José. (2008). *A viagem do elefante*. Lisboa: Caminho.



Cota: 94(469) SER

Con(7extos)

No contexto do império português quinhentista, a experiência da partida, da lenta viagem entre o mar e o céu e, depois, o deslumbramento de «novas ylhas, novas terras, novos mares, novos povos: e que mays he: novo ceo: e novas estrelas», eis aí elementos essenciais para a compreensão dos rasgos fundamentais da cultura e da mentalidade portuguesa de então. Quem não recorda logo, a esse respeito, os versos de Camões. Esse «emigrante», condenado a percorrer as sete partidas do mundo português de então? [...]

Não vimos mais enfim que mar e céu... entretanto, na ansiosa e longa expectativa das terras e gentes de outros mundos, a atenção prestada às manobras da viagem, e ver e compreender aspectos novos de uma realidade natural que se desdobrava ante um olhar desprevenido ainda, enevoado por formas de pensar antigas, adaptadas a estreitos horizontes, agora alargados sem fim.

«Vi, dizia Orta; vi, claramente visto, diz Camões. Da autoridade para a visão com clareza passou o critério da proposição verdadeira. É só, por enquanto, a evidência sensível; mas ide por diante, prolongai o percurso, e chegareis à evidência intelectual de Descartes. (pp.

Serrão, Joel. (1982). *A emigração portuguesa* (4.ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.



Cota: 821.134.3-1 SOU

Adenda a um poema de Camões

Sobre os rios que vão voando guitarras,
Vogam, em vertigem, por raízes nuas
Em direcção ao fogo que é incêndio d'água
A abrasar-se em sinos, mares futuros.

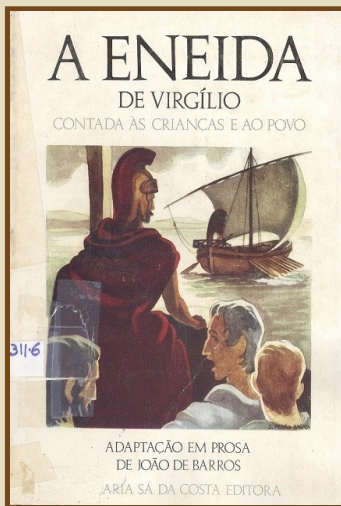
Guitarras pelos ventos balouçadas
Em casebre de sombra (chuva, mágoa)
Passam pelos nichos, sobre as fragas,
Em sons plangentes de aves transportadas

A quem já pouco espera do destino
E lhe escasseia a força em suas palavras.
Sobre estes rios que passam também passa

A bóia viva desta encruzilhada:
Entre alegria e pranto e ameaça,

Con(7extos)

Sousa, João Rui de. (2002). *Obra poética: 1960-2000*. Lisboa: Dom Quixote.

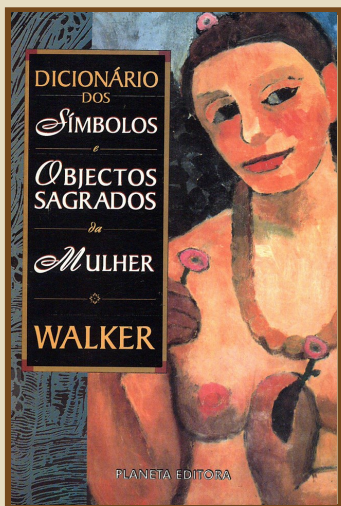


Cota: 821.134.3-13 VIR

A Eneida é um dos grandes poemas da latinidade, e não só da latinidade, mas da humanidade. Poema nacional, escrito de propósito para celebrar as glórias e o passado de Roma, - diz-se mesmo que por directa encomenda do imperador Augusto, protetor das Artes e das Letras. – excede as intenções do próprio autor, e os desejos de quem o incitou a escrevê-lo, pelo profundo lirismo de muitas das suas páginas. Nesta narrativa épica, revive, observa um crítico - «Roma inteira, a história de Roma desde as suas origens até à batalha de Actium», e ressuscitam esplendidamente, «a lenda das ilhas e raças que tinham originariamente povoado o solo italiano, a religião romana (isto é, naquela época, a religião pagã), os deuses indígenas e os deus helénicos latinizados, os costumes, e os usos públicos e privados do povo romano». Tudo isso, evocado e contado num estilo perfeito e comovente e persuasiva simplicidade, se encontra na Eneida. Virgílio levou trinta anos a compor os doze mil versos do poema célebre. (pp. 9-10)

Barros, João de. (Adaptação) (1974). *A Eneida de Virgílio: contada às crianças e ao povo* (6.ª Ed.). Lisboa: Sá da Costa.

Con(7extos)



Cota: 39(038) WAL

Um cântaro de onde saíam fios de água era um símbolo de fertilidade no Egito e no Médio Oriente desde o início da civilização. A deusa Ísis usava ao pescoço um amuleto em forma de cântaro representando as suas próprias fontes de água corrente, «o emblema de Ma» ou mãe como a Profundidade primordial. Segundo Apuleius, a água no cântaro também representava Osíris. Era água de Nilo, retirada no ritual da ressurreição do deus, exactamente como o cálice é hoje elevado nos altares cristãos.

Na Índia, qualquer divindade podia ser encamada num cântaro de água, que era chamado de assento sagrado (pitha) da divindade enquanto durasse a cerimónia. Na Grécia, a palavra correspondente era pithos, um cântaro. A fusão da deusa com o seu consorte era muitas vezes descrita como mistura das águas de dois cântaros. Quando Deméter Cabiria tomou o jovem deus Cabirianos da Frígia, as duas divindades foram representadas por cântaros de água. (p. 127)

Walker, Barbara G. (2002). *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*.
Lisboa: Planeta.

Con(7extos)

Apoio curricular à disciplina de Português do Ensino Secundário

